

O véu da mente (*)

RAQUEL FERREIRA (**)

«Se os nossos sentidos fossem suficientemente apurados, perceberíamos o penhasco imóvel como um caos dançante»

Nietzsche

O racionalismo cartesiano, propondo a separação do universo em duas partes totalmente incommunicáveis (o «Cogito» e o espaço infinito e infinitamente divisível), veio colocar o Eu, na posição dum observador indiferente e insignificante, perante um problema. Negando um lugar para a mente e separando a realidade, o pensamento cartesiano tombou numa auto-negação de si próprio, apesar de ter dominado o pensamento europeu dos séculos XVIII, XIX e XX. Na verdade, ainda hoje, neste final de século, encontramos *reliquats* do seu funcionamento, na visão dominante de algumas disciplinas científicas, como na Medicina e sobretudo na Psiquiatria.

É o conhecimento causal que aspira à formulação de leis, a partir dum pressuposto teórico de ordem e estabilidade no mundo, em que o passado se repete no futuro.

A revolução científica, que Einstein iniciou, rompe este ciclo quando, por exemplo, coloca a

questão da relatividade na simultaneidade, revolucionando as concepções de espaço/tempo e abrindo caminho à mecânica quântica.

Heisenberg e Bohr demonstraram que não é possível observar um objecto, sem interferir nele e sem o alterar, inviabilizando assim a proposta do determinismo mecanicista.

A investigação em Física Quântica veio, pois, abrir um modelo científico bem diferente do modelo cartesiano. Um investigador ao analisar um campo de partículas, sabe que estas partículas existem enquanto propriedades do campo e não como «coisas» reais em si mesmas. A realidade é tomada, numa perspectiva muito próxima e complementar da consciência, transpondo os limites de tempo e espaço, no sentido em que a física clássica os concebe.

David Bohm, entre outros físicos teóricos, procura entender a mente, a partir do conceito de um todo-em-cada-parte, fornecendo um sentido epistemológico totalmente novo e inesperado às ciências modernas.

Dois frases de David Bohm permitem-nos ilustrar melhor o seu pensamento:

- *«No âmbito da ordem implícita, cada novo momento poderia, em princípio, ser comple-*

(*) Comunicação apresentada no IX Encontro Nacional de Psiquiatria da Infância e Adolescência, Lisboa, Dezembro de 1998.

(**) Psicanalista.

tamente desvinculado do momento anterior: seria, pois, absolutamente criador.»

- «*O electrão, na medida em que corresponde a um significado no seu ambiente, observa o ambiente. Faz exactamente o que fazem os homens.»*

Como, ainda há pouco tempo escrevemos num trabalho, a análise da raiz etimológica das primeiras palavras gregas a propósito de Ser mostra, na linha de Heraclito, que o traço essencial da sua génese não foi o da duração, mas o de irrupção. Isto é, não foi o da permanência, mas ao invés foi o da irrupção abrupta, o de surgimento dum acontecimento que rasga, o de irrupção-na-presença. Assim concebido Ser não é substantivo, mas verbo (o que surge).

O modelo aqui emergente é um modelo em crescimento, modelo Bioniano, pela repetição da união da pré-concepção com os dados sensoriais, isto é do crescimento em continente e conteúdo e no aparelho para pensar os pensamentos .

Os elementos de funcionam como variáveis e a pré-concepção representa um estado de expectativa, com as características de pensamento sem conteúdo.

Para Bohm o universo é multidimensional, mas o nível em que, habitualmente nos colocamos, é o que ele denomina «da ordem explícita» é tridimensional. Bohm avança um nível mais profundo e subtil – a «ordem implícita» – abrangente da experiência física, psicológica e mítica, que lida com o todo, como na teoria de campo, como uma qualidade, a que chama «abrangência», cujo movimento básico é o desdobramento e recolhimento (projectão e introjecção, em linguagem psicanalítica) bem longe do espaço-tempo cartesiano. Concebe ainda, um outro nível, esfera infinita multidimensional, a que chama a «ordem superimplícita», no qual este segundo nível mergulha.

Aquilo a que chamamos átomo é organizado por um campo informacional superior ou quântico, que lhe dá significação. De Broglie propôs um modelo extremamente interessante e complexo, a que Bohm se reporta, cuja ideia básica, descrita em termos simples, refere o electrão, como uma partícula circundada por um campo, cuja actividade seria função não da intensidade do campo (carga), mas do conteúdo da informação conduzida a todo o complexo experimental.

«A questão é se a matéria é tosca e mecânica ou se vai tornando mais e mais subtil, a ponto de se tornar indistinta daquilo a que chamamos mente.»

David Bohm

Os estudos da microfísica, da química e da biologia, tomando como exemplo as investigações de Illya Prigogine – a teoria das estruturas dissipativas e o princípio da ordem atractiva das flutuações – estabelecem, que em sistemas abertos, a evolução explica-se por flutuações de energia que, em certos momentos, não completamente previsíveis, desencadeiam espontaneamente reacções, conducentes a um novo estado macroscópico. Isto é: em vez da ordem a desordem, em vez do determinismo a imprevisibilidade, em vez da necessidade a criatividade e o acidente.

Mas talvez a maior importância desta teoria é que ela não constitui um fenómeno isolado. Faz parte dum movimento convergente transdisciplinar, quando converge por exemplo, com a teoria da ordem implícita de D. Bohm, revelando deste modo um novo paradigma emergente.

A simplificação que a metodologia psiquiátrica tem proposto não permite uma leitura adequada à imensa complexidade do sistema. A psicanálise evoluiu, a bioquímica evoluiu, a genética evoluiu, mas a psiquiatria não.

Os estudos de genética sobre a esquizofrenia, mostram, por exemplo, que a problemática nunca se poderá pôr em termos monogénéticos, mas quando muito poligenéticos. É o caso dos estudos estatísticos que, desde os anos 60, têm sido feitos em gémeos univitelinos. Mostram uma pregnância de 50 ou mesmo de 70%, mas nunca de 100% dos casos, como seria absolutamente de esperar se a concepção hereditária estivesse absolutamente correcta.

Os estudos de neuroquímica são ilustrativos, por exemplo, do dédalo que a transmissão de mensagens no corpo pode implicar, com conexões neuro-neuronais, neuro-endócrinas, endó-

crino-endócrinas e endócrino-neuronais. Diferindo a comunicação neuronal da hormonal, uma vez que os sinais neuronais viajam rapidamente sobre vias fixas, enquanto os hormonais se difundem lentamente através de todo o corpo. Ambos os sistemas fabricam, armazenam e libertam mediadores químicos, possuem receptores específicos e podem empregar segundos mediadores.

Um sistema de dez elevado a vinte e seis, número de neurónios do homem é um sistema combinatório de elevadíssima complexidade, que não pode ser pensado num sistema de baixa complexidade.

Bleuler, depois de ter apresentado na classificação da Esquizofrenia que ainda hoje subsiste (simples, catatónica, hebefrénica e paranóide) para mostrar a sua desadequação, apresentou um trabalho sobre Esquizofrenia com 128 páginas em branco.

A categoria da loucura não é científica. O discurso sobre a loucura apresenta uma fundamentação pós-cartesiana. Razão/des-razão (loucura). A razão esclarece o que é:

- sujeito
- realidade
- verdade
- ciência

Logo a questão da loucura será a exclusão. E de quê? O louco está excluído da questão do sujeito e da verdade. Tudo o que diz não é da ordem do sujeito, nem da verdade.

Considera Green, no seu livro «Sobre a loucura pessoal»:

«Poderia ser que, num nível teórico elevado, as questões com que nós psicanalistas somos confrontados também são aquelas encaradas por todos os pensadores: o verdadeiro e o falso; o real e o ilusório; o bom e o mau; bem e mal; a ordem da linguagem e a ordem da cultura; senso e contra-senso; razão e irracionalidade (loucura ou psicose?). Diferentemente dos filósofos, respondemos a estas questões, não no isolamento dos nossos pensamentos, mas na dupla analista-analisando, com o cenário psicanalítico. Certamente as nossas respostas nem sempre são satisfatórias. Devemo-nos contentar com aproximações (Bion) comparadas com a verdade absoluta, que permanece inatingível. Entretanto a experiência e a reflexão nos convencem de que realmente hostilizamos uma parcela desprezível

de conhecimento a partir do incognoscível da mente humana.»

Diversos psicanalistas, desde Freud, deram uma enorme importância ao estudo das partes psicóticas e não psicóticas da mente, na esquizofrenia, destacando a sua importância na focagem técnica da psicanálise.

Em 1939, no «Resumo de psicanálise» diz Freud: *«Manteve oculto num rincão da mente, deixando passar diante de si a fantasmagoria patológica, como se fosse um observador imparcial.»*

Em 1943, Federn afirmou, a propósito da acessibilidade dum paciente esquizofrénico à psicanálise, que «uma parte da personalidade continua dirigida para a realidade e anseia estabelecer transferência tanto das partes sãs do Eu como das partes perturbadas».

M. Klein sustenta que «sempre que o esquizofrénico seja posto em contacto com a sua depressão emergente, ele torna-se comunicativo dum maneira sã» («Uma nota sobre a depressão no esquizofrénico»).

Hanna Segall diz, a propósito da análise dum jovem hebefrénica, que a depressão no esquizofrénico vem mostrar novos aspectos das partes não psicóticas da mente.

Bion vai mais longe ao afirmar que: *O Eu nunca se retira da realidade. Dir-se-ia é que o seu contacto com a realidade está encoberto pela predominância na mente e na conduta do paciente dum fantasia onnipotente, encaminhada para destruir tanto a realidade como a consciência da mesma e assim alcançar um estado que não é vida, nem é morte... Todo o paciente esquizofrénico tem dois problemas a resolver: um pertencente à parte psicótica da mente e outro à neurótica.* Desenvolvendo posteriormente a sua conceptualização, Bion caracterizou a parte neurótica como pertencendo a áreas de transformação de movimento rígido, que implicam pouca deformação e deixam invariantes certos significados e características. Também as transformações de pensamentos em palavras permitem-nos a utilização dum idioma, segundo códigos comuns, que são também transformações de movimento rígido.

Pelas suas características filogenéticas o homem é um ser indefeso, incapaz de estar só. O homem é fundamentalmente um ser gregário.

Ora a grande consequência da gregaridade é a dependência. Somos seres interdependentes. O modo de expressão patológico é a patologia. Toda a patologia é uma forma de gregarização do paciente. «O sujeito é um sub-objecto» (Amaral Dias).

O paradigma, em que a organização da angústia tem a ver com o modo de organização do pensamento, cifra-se pela dor psíquica brutal, numa dependência imensa em relação ao objecto externo.

As patologias graves de prevalência somática na adolescência «exprimem, antes de mais, aquilo que, nas identificações pubertárias do adolescente, com ambos os pais, se refere aos problemas transgeracionais destes», afirma Florence Guignard. Nesse sentido, os sintomas psicossomáticos serão como uma protolinguagem, que pode, pouco a pouco, inserir-se na linguagem simbólica.

Para J. Mc. Dougall, sob o impacto do processo analítico, o paciente chega a viver os seus sintomas físicos como comunicações e a escutá-los a fim de captar melhor as pressões internas e externas que o assaltam e, a partir daí, a investir cada eclosão somática em sentido metafórico, para finalmente lhe atribuir uma significação simbólica.

A tarefa do analista será a de criar com o analisando um vocabulário que permita a tradução do bio-lógico para o psico-lógico, o que permite que o corpo autista e anárquico, que só se expressa através do soma, se converta finalmente num corpo simbólico.

UMA VINHETA CLÍNICA

Uma pequena vinheta clínica duma paciente em análise, a que chamaremos Ana permitirá ilustrar melhor este processo.

Um dia trouxe para a sessão uma caixa de bombons. Disse-me que tinha passado o dia, como habitualmente, a comer chocolates mas que não conseguia parar de os comer para vir à sessão. Pedia desculpa, mas tinha que fazer as duas coisas: comer e vir à sessão.

Simultaneamente, Ana falava-me do seu sentimento de vazio imensamente profundo e doloroso, que ela tentava compulsivamente preencher e do seu sentimento de que a fome do alimento-

bombom era já bem diferente da fome do alimento-sessão. Ela não podia perder nenhum dos alimentos. Mais, ela precisava de se alimentar incessantemente perante os olhos da analista (trazia consigo mais caixas de chocolate), como para impedir que a sua imagem desaparecesse.

O problema era que, para Ana, as duas alimentações pareciam anular-se uma a outra, já que havia sempre algo que provocava a eliminação. Comer e ser comida. O corpo era tomado como um objecto oral e fálico. Sentindo-se bela, elegante, ela era a mulher fatal, «vestida para matar» tudo e todos à sua volta, mas isso significava para ela morrer de fome; comendo era ela a engolida ao engolir. Dum e doutro lado a morte!

Não lhe sendo possível aceder à introjecção, utilizando as interpretações e a capacidade contentora da analista, precisava compulsivamente de «in-corporar», utilizando o corpo na relação com a analista e procurando que a analista respondesse de igual modo ao seu desejo.

As crises de bulímia eram de extrema violência e quase constantes. O buraco negro, o buraco sem fundo em que se sentia existir, devorava-a.

Entretanto, através do processo analítico, tornava-se cada vez mais claro para a analisanda, a imagem interna duma mãe devoradora e insaciável. Uma mãe que a quer como um instrumento seu, mas que não a olha.

P – Ela nunca gostou de mim. Acho que ela só gostou da minha irmã, de mim não. A ela sempre deram tudo, a mim nada. Ela coitadinha precisava duma casa e dum carro, para poder casar. Eu não tinha direito a nada. Mesmo quando me viram doente e miserável, se chegaram a falar em dar-me uma casa, era como moeda de troca. Davam-me se eu fizesse o curso que eles queriam, me casasse com alguém que eles gostassem e lhes desse aquele neto, que a minha irmã não conseguiu ter.

Ela faz o que pode, que é fazer-se alimento para o outro, até poder começar a reconhecer aí momentos de si mesma, momentos em que sente que há áreas da sua personalidade que ela investe, dando lugar ao sonho e ao desejo. Esta «lógica de funcionamento» persistirá por longo tempo, no qual alimentar-se/eliminar vai aparecendo em diversas configurações fantasmáticas e trajectos ao longo do processo analítico.

Se a Pré-concepção do seio é inata, enquanto atributo da espécie, é o modo como se organiza o encontro com o seio real, como se organiza na mente desta paciente o «comer» o objecto desejado e saboreado e, deste modo, ter o sentimento de esvaziá-lo e aniquilá-lo, que vai estabelecer um circuito fechado de «in-corporação». Engolir incessantemente o objecto amado e assim destruí-lo equivale a tornar-se cada vez mais o objecto engolido e destruído. Logo, o objecto é sentido como morto e o destino de Ana é vivenciado de modo semelhante, tornando-se o objecto que se suicida. Para a parte louca da mente, a saída é tornar-se esse objecto aniquilando-o, para o poder conservar, enquanto que, para a parte não-psicótica da mente, a saída é perdê-lo para o reencontrar de modo separado e distinto.

O tempo nesta área do funcionamento da mente da paciente é um tempo circular, infernal, canibalesco, em que o ciclo auto-erótico de incorporação-eliminação se repete.

A ferocidade do processo vai de novo reacender-se quando começa um namoro, assinalando aí uma tentativa de separação entre o seu próprio gozo e o da mãe. As crises recrudescem, como tentativas de resposta auto-erótica à miragem dum outro devorador ou canibálico, que se absorve para não se ser totalmente absorvido, como tornando-se «grávida» da própria mãe, que exige ser nutrida sem cessar, para a sua própria existência.

Para não desaparecer na aspiração do imperativo materno precisa de alimentar-se constantemente a si própria, a fim de encher o seu corpo de conteúdos. Amar-se e ser amada representava para esta paciente devorar-ser devorada. Logo o que sentia era que nada podia ser conservado.

P – *Para que hei-de crescer? Dói tanto! E para quê, se vou morrer? O meu pai morreu e a minha mãe está doente. Gosta de mim? Às vezes penso que sou a sua analisanda preferida? Outras vezes tenho uma inveja enorme de todos os seus analisandos. E para que me serve a análise, se você vai morrer e eu também?*

«Para que a sombra do objecto não recaia sobre o Eu», o lugar primeiro para a analista era o do objecto que existe e que persiste. Esta etapa do processo analítico implicava, através da análise de transferência, a tecedura dum tecido so-

norro, compreensivo e vivo, capaz de manter a distância entre os corpos.

No circuito da incorporação aniquiladora, o corpo é sentido mais como sendo um peso a mais, do que como tendo peso a mais. Todo o apelo à analista se manifesta pela apresentação dum impossível ou pelo aniquilamento, em que o drama da exclusão será reproduzido, se não adivinhar o avesso e a verdade dessa exclusão negativa.

A lógica dum puro devir circular repetitivo, com imagens paradas num tempo canibálico, vai ficando mais diluída com o que se vai ligando de modo mais neurótico. Na rigidez discursiva, pela dificuldade em associar livremente, vai emergindo a fantasia, navegando num espaço-tempo, que se abre a novas perspectivas. A transferência age como um equivalente dum processo de formação do sonho e o processo terapêutico torna-se o «aparelho para pensar os pensamentos».

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anzieu D. (1987). *Las envolturas psíquicas*. Buenos Aires: Amorrortu Ed., 1990.
- Asimov, I. (1992). *O segredo do Universo*. Lisboa: Puma Ed.
- Bachelard, G. (1938). *La formation de l'esprit scientifique*. Paris: Librairie Philosophique, J. Vrin, 1996.
- Bion, W. R. (1962). *O aprender com a experiência*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.
- Bion, W. R. (1965). *As transformações: a mudança do aprender com o crescer*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.
- Cabral, M. F. (1998). *Pensar a emoção*. Lisboa: Fim de Século Ed.
- Cassé, M. (1995). *Du vide et de la Création*. Paris: Ed. Odile Jacob.
- Dias, C. A. (1995). *(A) Re-pensar: Colectânea psicanalítica*. Porto: Ed. Afrontamento.
- Dias, C. A., & Fleming, M. (1998). *A psicanálise em tempo de mudança*. Porto: Ed. Afrontamento.
- Guignard, F. (1996). *O infantil ao vivo: reflexões sobre a teoria analítica*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997.
- Heidegger, M. (1978). *Introdução à metafísica*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília.
- Heidegger, M. (1997). *Ser e Tempo*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- Laufer, M., & Laufer, M. E. (1984). *Adolescence et rupture du développement*. Paris: PUF, 1989.
- Ledoux, J. (1998). *The emotional brain*. Londres: Weidenfeld, Nicolson Ed.

Popper, K. (1982). *O Universo aberto*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988.
Rosenzweig, M., & Leiman, A. (1997). *Psicologia fisiológica*. Madrid: Mc.Graw-Hill.

Palavras-chave: Ansiedade, clivagem, destrutividade, epistemologia, relação de objecto.

RESUMO

A autora discute brevemente algumas questões epistemológicas, procurando estabelecer vínculos entre a teoria da relatividade, a teoria da mecânica quântica (considerando que a primeira abre caminho à segunda, apesar da renhida oposição de Einstein) e o campo da psicanálise, nomeadamente a partir de Bion.

Para ilustrar, apresenta uma pequena vinheta clínica de uma paciente com sofrimento bulímico, que está a elaborar experiências muito dolorosas de separação do objecto primário, examinando algumas transições da estrutura psíquica.

ABSTRACT

The author deals briefly with some epistemological questions, trying to establish bonds between the relativity theory, quantum mechanics (considering that the first opens the way to the latter, in spite of Einstein's strong opposition) and the psychoanalytic field, namely after Bion.

To illustrate this point of view, she presents a small clinical vignette of a patient who has bulimic suffering, and who is elaborating very painful experiments of separation from the primary object, and she examines a few transitions in the psychic structure.

Key words: Anxiety, cleavage, destructiveness, epistemology, object relation.